

ALLEN SHAWN

# Gêmeos

*Memórias*

*Tradução*

Caroline Chang



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2011 by Allen Shawn

Todos os direitos reservados, incluindo os direitos de reprodução parcial ou total em qualquer meio.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

Twin: A Memoir

*Capa*

Elisa von Randow

*Foto de capa*

Vwe Krejci/ Corbis/ Latinstock

*Preparação*

Ciça Caropreso

*Índice remissivo*

Luciano Marchiori

*Revisão*

Angela das Neves

Carmen T. S. Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Shawn, Allen

Gêmeos : memórias / Allen Shawn ; tradução Caroline Chang. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2015.

título original: Twin: A memoir

ISBN 978-85-359-2608-8

1. Autistas – Biografia 2. Gêmeos – Biografia 3. Shawn, Allen 4. Transtorno esquizoafetivo – Pacientes – Biografia  
I. Título.

15-04552

CDD-616.858820092

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Autista : Biografia 616.858820092

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

# Sumário

1. Perdidos, 9
2. Julho de 2005, 19
3. Juntos, 48
4. Verão, 72
5. Coisas não vistas, 88
6. Rachaduras entre as teclas, 103
7. Deslocamentos, 114
8. Estrelas binárias, 138
9. Encontrando palavras, 163
10. Autismo, 182
11. Em Briarcliff, 219

*Agradecimentos*, 235

*Índice remissivo*, 239

# 1. Perdidos

Não gosto de perder coisas. Mantenho uma lista de livros que sei que eu tinha, que sei que li e que de alguma forma se perderam. *A montanha mágica*, *The Star Thrower* [O lançador de estrelas], de Loren Eiseley, *Histórias completas de Claudine*, de Colette, estão lá, junto com pelo menos outros quarenta títulos. Até mesmo quando perco uma calça cresce em mim uma sensação de vergonha, uma confusão, que parece totalmente desproporcional à perda, e se a calça de repente volta da lavanderia com um pedido de desculpas, sinto uma vertigem estranha, algo da alegria demonstrada por famílias reunidas em filmes sobre o paraíso mórmon. É estranho que neste mundo em que tudo, mais cedo ou mais tarde, se perde, em que a perda é a única certeza, alguém se apegue às menores coisas e queira dizer adeus até mesmo a uma calça, em vez de deixá-la simplesmente desaparecer. Queremos enxergar uma lógica nos desaparecimentos e saber quando perdemos algo. Mesmo que, no final das contas, acabemos perdendo tudo.

Por volta dos dez anos, eu tinha um hamster chamado Serragem que morava comigo no meu quarto. (Eu era uma criança privilegiada, sortuda o bastante para ter um quarto só meu.) Serragem passava a maior parte do tempo correndo excitado na pequena roda de metal dentro de sua gaiola. Ele havia sido batizado em homenagem às aparas que enchiam o fundo removível de sua morada retangular de vidro, e, quando não o via correr, estava ou dormindo numa clareira que ele fazia nas aparas, ou comendo o que parecia ser uma minifleira de grãos, nozes e frutas secas de uma pequena tigela, ou ainda bebendo avidamente em uma bica de metal ligada a uma garrafa de água pendurada num dos lados da gaiola. Eu me acostumei a acordar todas as manhãs ao som do rangido da roda de Serragem e à visão, um pouco além dos pés da minha cama, de sua pequena silhueta peluda em movimento, correndo em frente sem jamais chegar a lugar nenhum.

Durante as festas do fim do ano em que tive Serragem, fui acometido por uma gripe que me fazia acordar no meio da noite com o pijama e os lençóis encharcados de suor, os dentes batendo. De dia e de noite, sentia a cabeça e os olhos doendo e, atrás dos olhos, uma sensação estranha, como se centenas de formigas estivessem caminhando pelo meu cérebro. Quando eu acordava, nunca tinha certeza de que hora do dia era, pois uma espécie de névoa descia sobre mim durante a febre, fazendo-me dormir a maior parte do tempo. Ao tentar sair da cama, eu me sentia oprimido pelo que parecia ser um peso de chumbo, o que me dava a impressão de estar de pé em um barco no meio de uma tempestade. Era como se minha cabeça e meus pensamentos não me pertencessem inteiramente. Meu corpo era uma espécie de suporte frágil de alguma bola pesada, incômoda e pulsante. Enquanto isso “eu” permanecia fora disso tudo, calmo, observando meu frágil andaime tentando se levantar para ir ao banheiro com o pijama de flanela encharcado, do qual emanava um cheiro podre e fétido.

Alguns dias se passaram nesse estado de confusão. Eu caía em sonhos que não eram sonhos. Um copo de suco de laranja adoçado e posto a meu lado em uma mesinha parecia muito distante, e a ideia de “suco” ocupava uma espécie de letreiro diante da minha testa, que eu contemplava por um tempo incomensuravelmente longo. A sensação de frescor do copo de suco de laranja penetrava meus pensamentos, esperando usurpar o lugar de palavras ou de ideias sensatas. Se meus pais vinham até a porta do quarto para ver como eu estava, o timbre de suas vozes ficava pairando no quarto por horas a fio, e as consoantes e vogais pronunciadas por eles continuavam murmurando nas molduras das paredes e nos cantos do teto, voejando de um lugar a outro pelas paredes, como borboletas. Durante a febre, a ordem natural das minhas percepções era interrompida. Uma dor se anunciava no músculo entre o polegar e o dedo indicador, e eu me focava nela, à custa de tudo mais. A garganta começava a parecer uma enorme e rugosa caverna cheia de fardos lanosos de feno e ocupava minha consciência com estranha ferocidade. Pensamentos ordenados ressoavam em meu estômago contraído, vagamente adoentado, como animais mortos no fundo de um poço. Durante o período da gripe, tudo fora de mim era distante e eu me encontrava alheio ao mundo externo.

Depois de alguns dias desse isolamento, meus olhos pararam de doer, as formigas pararam de caminhar dentro da minha cabeça, recuperei o interesse em ouvir as leituras em voz alta de meu irmão e fui tomado por um apetite voraz por chuletas de ovelha com purê de batata e ervilhas. Enquanto permaneci na cama me recuperando, meus pais foram em frente com seus planos de uma festa para adultos, o que significou sons de vozes sofisticadas, risadas estrondosas e tilintar de copos vindo do salão até o meu quarto.

Durante a festa, minha mãe veio ver como eu estava. Eu podia ouvir seus passos e o roçar de seu vestido vermelho toma-

ra que caía, o som cada vez mais alto, se transformando então numa nota mais alta e mais aguda no estreito corredor que levava até o meu quarto. Ela me deu uma tigela de purê de maçã, onde havia esmagado aspirina e açúcar, que era a maneira como eu tomava remédios naquela idade. Enquanto eu ingeria a mistura, ela me contou que, infelizmente, dois dias antes, Serragem havia morrido.

Olhei por sobre o pé da minha cama e vi que a gaiola de Serragem se fora.

Depois que minha mãe deixou o quarto, eu não conseguia parar de chorar. Comecei e parei de chorar várias vezes por várias horas, imaginando os pezinhos de Serragem correndo sobre a roda de metal e sua avidez ao beber água na bica da gaiola. A intensidade da minha tristeza ia além do luto por Serragem. A morte repentina do meu bichinho de estimação liberou uma torrente de lágrimas que estivera represada em algum bolsão dentro de mim, e era como se eu estivesse chorando — com toda a autopiedade da infância — não apenas por Serragem, mas por todas as mágoas e tristezas que eu já havia sentido.

Acho que isso só confirma uma vez mais que emoções são essencialmente forças físicas e, se elas parecem se expressar nos momentos mais estranhos, é porque, como forças físicas, precisam cedo ou tarde imergir e acabarão encontrando um elo vulnerável na cadeia de nossas defesas. Se o curso da enchente é barado, ele se divide em um milhão de pequenos regatos, cada um buscando vazão, e quando uma abertura é encontrada todas as águas jorram através dela. Você se cala quando sua mulher ou seu marido faz algo imperdoável, e então, num momento qualquer, quando sua resistência está baixa, algum minúsculo deslize do outro — esquecer de pagar uma conta, ou de tirar o lixo, ou de telefonar para a escola do filho — faz sua raiva explodir, e você se vê tendo um daqueles ataques ad hominem (“Você nunca, nem

por um instante, pensou em alguém que não em si mesmo!”) do qual mais tarde se arrepende.

Da mesma forma, chorei a morte de Serragem de um jeito que jamais chorei pela minha irmã e que eu nunca soube que desejava chorar.

Às vezes me pergunto se Mary se sente doente o tempo todo ou se ela sente que tudo fora dela está acontecendo em um imenso abismo. Não, lembro a mim mesmo, obviamente seria necessário estar em condições de comparar esse estado mental a outra coisa para vivenciá-lo como “doença” ou como algo peculiar. Mas com certeza ela deve sentir dor e sofrer porque seu modo de se comunicar é tão pouco compreendido. Os livros me dizem que pessoas com as dificuldades de Mary podem ser “cegas” para outras mentes, que elas podem sofrer de “cegueira mental”. Enquanto a maioria das pessoas, não importa quão egocêntricas elas sejam, instintivamente sabe que os outros têm seus próprios pensamentos e experiências independentes, e que a maior parte das pessoas acaba vendo a si mesmas em um contexto de círculos concêntricos cada vez maiores, com as experiências das pessoas conhecidas em primeiro plano e, além delas, as experiências de sociedades inteiras, períodos históricos, e da humanidade em geral, para Mary, pelo menos de acordo com alguns especialistas, a vida não é assim. Ela precisa dos outros, vê os outros e se encanta com eles, mas eles existem apenas em sua relação consigo mesma.

Se você nasce cego, você simplesmente vive em um mundo no qual enxergar é algo que as outras pessoas fazem. Embora você possa aprender tudo sobre “enxergar”, isso continuará sendo quase um mito. Ao mesmo tempo, você vai ter percepções que pessoas com visão normal jamais entenderão. Você vai sofrer com coisas que outras pessoas nem sequer vão perceber e também vai “enxergar” onde os outros são cegos. Baseado em minhas leituras sobre deficientes mentais, comecei a pensar que isso é verdade



para Mary e seu tipo de cegueira, mas nunca terei condições de confirmar se estou certo.

Talvez o mais próximo que eu possa chegar de compreender sua vida interior seja quando estou doente, ou exausto, ou ansioso, ou embriagado, ou quando tomo uma droga que altera o que ouço, vejo e sinto. Tais momentos pelo menos sugerem que há várias maneiras de perceber e de ser.

Estou olhando uma fotografia de Mary com cerca de cinco anos de idade, com sua pele translúcida, sobrancelhas proeminentes, o toque asiático de seus olhos tão castanhos, uma boca sensual levemente aberta, com uma expressão pacífica situada em algum lugar entre o estado de atenção e o de reflexão. Há uma sombra sob seus olhos. Com a mão direita em concha, ela segura a parte rosada de sua mão esquerda, estendida, como se colocando um anel. O cabelo foi preso numa trança e cuidadosamente escovado; pode-se ver uma mecha de cabelo, assim como sua grande e adorável orelha direita, que quase parece uma concha. Seu vestido branco é ornado com o aplique de pequenas flores. O cenário bucólico é, na verdade, o Shakespeare Garden do Central Park, onde nossa mãe gostava de nos levar quando éramos crianças.

Agora outra fotografia, tirada cerca de treze anos depois, dessa vez de mim e de Mary. O cenário é uma pequena cidade de Delaware. É verão, e Mary está usando um vestido sem mangas amarelo-vivo. A flor branca em seu bolso evoca as flores do vestido que ela usava aos cinco anos. O cabelo agora está curto, e sobre ele, no lado direito da cabeça, há uma boina. Mais uma vez ela parece atenta e positivamente alegre, talvez entretida por alguma coisa. Olha em minha direção com olhinhos apertados, sorrindo, as bochechas salientes, os dentes à mostra. Poderia estar apenas rindo sem emitir ruídos ou falando. Usa pulseiras de

plástico e um relógio no pulso esquerdo e, mais uma vez, a mão esquerda está erguida, como se estivesse prestes a tocar um piano. Estamos virados um para o outro e eu a seguro delicadamente, a mão direita pousada de leve em suas costas, como se a apoiasse de forma sutil, enquanto meu braço esquerdo está atrás de minhas próprias costas. Há uma caneta e um par de óculos no bolso da minha camisa.

Que Mary tenha retardo mental e, de acordo com seu atual diagnóstico, apresente traços tanto de autismo quanto de transtorno esquizoafetivo, pode surpreender alguém que veja essas fotografias pela primeira vez. Um tipo de beleza iridescente pode ser vista no rosto de pessoas autistas quando jovens. Na verdade, me parece que na segunda fotografia minha própria expressão é mais contida que a dela, como se eu estivesse ao mesmo tempo olhando e questionando, sem esperar respostas claras às minhas perguntas. É um pouco como a expressão de um antropólogo ao lado de alguém cuja sociedade esteja sendo estudada, cuja língua só tenha sido parcialmente aprendida. O que na verdade mais me espanta nessa foto, como em quase todas as que tenho de nós dois, é o conforto e o contentamento que vejo nela. Minha lembrança das visitas feitas a Mary em nossos anos de adolescência é de uma extrema autoconsciência e distanciamento, como se eu estivesse vendo minhas próprias ações pelo lado de fora. Recordo-me da ansiedade que eu sentia antes de vê-la, e da sensação de alívio depois, mas não da satisfação, da profunda sensação de tranquilidade quando estávamos juntos.

Não posso dizer se um estranho conseguiria discernir nosso grau de proximidade na segunda fotografia. Somos amigos? Um jovem casal? Irmãos? Somos, na verdade, gêmeos bivitelinos. Nascemos com cinco minutos de diferença, sessenta anos atrás.

Mary desapareceu da minha vida cotidiana quando tínhamos oito anos, depois que meus pais a internaram em uma clínica para deficientes mentais, e, como os leitores do meu livro anterior saberão, dolorosamente levou tempo demais até mesmo para eu reconhecer que o acontecimento havia deixado em mim uma espécie de oceano de desassossego, que se manifestava na forma de ataques de pânico, numa luta sem fim contra a agorafobia, na minha dificuldade de lidar com alguns aspectos da minha vida pública, bem como nas minhas reações a perdas corriqueiras. Realmente, o fato de para mim ter sido tão difícil admitir meus problemas se deveu em parte ao meu medo da doença mental que Mary havia manifestado e que a fez, ou assim me pareceu quando criança, ser banida da família. Creio que, como gêmeo dela, me era duplamente difícil saber como e quando estabelecer um limite entre a natureza dela e a minha, entre a estranheza inerente de ser uma pessoa e o tipo de estranheza que levou àquilo que vi como um “ostracismo” da sociedade humana normal. No entanto, eu não tinha consciência de nada disso quando jovem. Só ao chegar à meia-idade é que comecei a entender que ser gêmeo de Mary era um fato central, talvez o fato central da minha vida. Tudo o que eu sentia era uma espécie de buraco branco dentro de mim, lá onde lembranças e sentimentos deveriam estar.

Eu diria que a minha primeira reação quando penso em mim como um gêmeo, e como gêmeo de Mary especificamente, é de surpresa. Sempre que lembro a mim mesmo que o aniversário dela e o meu são iguais; ou quando penso nos paralelos entre a vida dela numa clínica e a minha na faculdade onde leciono e vivo; ou quando ouço sua voz familiar ao telefone — “Oi Allencomovai?”, uma pergunta que ela profere como se fosse uma afirmação de uma só palavra —, tenho uma espécie de surpresa. Nossa conexão é instantaneamente desviada para longe, como se por um efeito Doppler mental que dá uma impressão de proximidade

e distância ao mesmo tempo. Assim que me lembro que somos gêmeos, esqueço isso. A tristeza pela perda e a tristeza pela situação original — ter uma irmã gêmea que sempre permanecerá em grande parte indecifrável — emergem em mim nos momentos mais estranhos, por meio de reações a outras coisas, ou na música que me sinto impelido a compor, música através da qual se pode sentir que alguma realidade sombria vivenciada, até certo ponto, permaneceu.

Portanto começo este livro quase com um sentimento de desencrença, e com não pouca relutância. Nunca pretendi ser escritor, e certamente não do tipo memorialista. Tenho composto música desde os dez anos de idade e sempre pensei em mim como compositor. Que meu último livro, que começou com um estudo de fobias baseado em minha própria experiência, se componha de pelo menos 50% de reminiscências, foi algo que surpreendeu a mim e a meus editores. Ainda mais surpreendente foi Mary ter se tornado sua personagem central, como se no âmago da minha ingovernável ansiedade quando estou em um lugar alto ou em lugares abertos ou fechados, ou longe do que considero território “seguro”, estivessem as cóleras da própria Mary e minhas reações a elas.

Até mesmo em fotografias minhas recentes, percebo que muitas vezes pareço estar inclinando a cabeça, como na fotografia com Mary, como se abrisse espaço para ela, ou como se ela estivesse se inclinando para mim. Acho que as coisas mais reveladoras sobre nós, que estão estampadas em nossos gestos e tiques faciais e no modo de falar e de apanhar objetos, podem encerrar significados dos quais somos totalmente ignorantes. Talvez minha relutância em escrever sobre Mary não se deva só à timidez ou a escrúpulos, nem mesmo apenas ao temor que se formou em torno desse fato central da minha vida, mas também a tudo que, ao escrever sobre isso, posso estar desavisadamente revelando sobre mim mesmo.

Enquanto eu estudava para me tornar um compositor na universidade e mais tarde na França, tentando aprender como estruturar meus meios de comunicação não verbais e essencialmente emocionais, nunca me ocorreu que um dia eu precisaria usar palavras para descrever, e portanto para começar a entender, a atordoante situação em que nasci. Embora minha música muitas vezes tenha dado voz a uma tristeza desmentida por minha personalidade relativamente ensolarada, e com frequência tenha tirado suas ideias de influências contraditórias, como se expressando uma espécie de caráter gemelar em suas matérias-primas, eu não costumava pensar em mim na condição de gêmeo. Como um jovem adulto e depois como pai, lutando para encontrar a saída de uma prisão interior — as fobias e restrições psicológicas que me assolavam —, raramente me vinha a ideia de que minha experiência singular era na verdade uma experiência de contraponto, e que só quando confrontasse o sentimento de perda e a dualidade no âmago da minha vida eu começaria a alcançar algo próximo da plenitude — ou pelo menos do que Freud poderia ter chamado de “solidão normal”. Até que, no final da meia-idade, as contradições que eu carregara e que não fora capaz de reconhecer ou pôr em palavras enfim exigiram algum tipo de expressão em uma linguagem que minha irmã não consegue usar, e o resultado foi meu livro anterior, *Bem que eu queria ir*.

O fato é que minha história e a de Mary são, como sempre foram, entrelaçadas. Ainda que eu jamais consiga entender como a vida é para ela, posso pelo menos escrever aquilo de que tenho certeza, algo sobre minha experiência de ser seu irmão gêmeo, algo sobre como nossas vidas se desdobraram em caminhos paralelos e sobre como as pessoas carregam e dão expressão às marcas deixadas nelas pelos outros.